

Sob o signo da poesia

Federico García, o espectáculo de encerramento do 35.º Festival de Almada, inspira-se na vida e na obra do poeta que foi uma das primeiras vítimas da Guerra Civil Espanhola e um dos símbolos da resistência contra o Franquismo. Para ver amanhã, no Palco Grande da Escola D. António da Costa, às 22h.



A música, a poesia, a dança e o documentário cruzam-se em *Federico García*

© Justin Brown

No dia 18 de Agosto passam 82 anos desde o fuzilamento de Federico García Lorca nos arredores de Granada por elementos das forças nacionalistas. Lorca tinha apenas 38 anos. Os seus restos mortais continuam em parte incerta e há, em Espanha, uma relação tumultuosa com a sua memória – como, de resto, acontece com quase todas as vítimas da Guerra Civil Espanhola. O poeta tem já uma rua com o seu nome na sua terra natal, Fuente Vaqueros, e a casa onde nasceu foi transformada em museu. A sua obra, essa, continua

a merecer a admiração do Mundo inteiro. Em vinte anos, Lorca escreveu centenas de poemas e peças de teatro que não deixam de ser levadas à cena, como *Yerma* e *A casa de Bernarda Alba*. Nunca se desligou da música que estudou na juventude, não ficou indiferente ao poder de atracção exercido pelo desenho e pelas artes plásticas e cursou Direito na Universidade de Granada. Em Madrid conheceu Luis Buñuel e Salvador Dalí, duas figuras que também estão presentes no espectáculo que Pep Tosar traz a Almada, e passou depois pelos Estados Unidos e

por Cuba. A sua homossexualidade, conjugada com as convicções socialistas e as afinidades maçónicas, rapidamente o converteram num alvo a abater.

Conjugação de linguagens

Federico García tem atrás de si um longo historial de recitais, bailados e documentários dedicados ao poeta. Para Pep Tosar, o seu espectáculo distingue-se exactamente pela “conjugação de todas estas linguagens”. Há espaço para a música, para o flamenco, para o texto e até para a projecção de entrevistas gravadas, por exemplo,

com a sobrinha do poeta, Vicenta Montesinos García-Lorca. “Por outro lado, a perspectiva sobre a personagem pretende centrar-se menos no génio e aproximar-se mais do ser humano”, lembra o criador maiorquino que, para além de assinar a dramaturgia e a encenação, também está presente em palco. E depois há, claro, o lugar dos poemas. Do texto fazem parte, por exemplo, dois poemas de *Poeta em Nova York* (“Fábula y rueda de tres amigos” e “Norma y paraíso de los negros”) e “Alma ausente” do livro *Pranto por Ignacio Sanchez Mejías*.

E o Espectáculo de Honra 2019 é...

Já são conhecidos os espectáculos que, amanhã, vão estar no boletim de voto que permite escolher o Espectáculo de Honra 2019. Ao participarem na eleição, os espectadores têm a oportunidade de seleccionar o espectáculo que querem que regresse no próximo ano. No total, vão 16 produções a votação: *Nada de*

mim; Bonecos de luz; Colónia penal; Kalakuta Republik; Final do amor; Arizona; A reunificação das duas Coreias; O quarto de Isabella; Philip Seymour Hoffman, por exemplo; Carmen; A alegria; A tecedura do caos; Melodramas de horror; A meio da noite; A última estação e Dr. Nest. Os boletins de voto começam a ser distribuí-

dos amanhã ao princípio da noite na entrada da Escola D. António da Costa, em Almada, e devem ser depositados numa colocada à entrada para o Palco Grande antes do início do espectáculo de encerramento do Festival. O vencedor e sucessor de *Apré – melodrama burlesco* será anunciado no final de *Federico García*.



Apré venceu no ano passado

© Pascal Perennec

O que queremos para o século XXI?

Emmanuel Demarcy-Mota esteve ontem na Esplanada da Escola D. António da Costa, em Almada, para falar de *Estado de sítio*, o espectáculo que trouxe este ano ao Festival. A conversa com o público foi moderada pela Professora Maria João Brilhante.



Demarcy-Mota com a Professora Maria João Brilhante, que moderou a conversa

© Luana Ribeiro

Emmanuel Demarcy-Mota começou por falar em português para os cerca de 30 espectadores que ontem assistiram a mais um *Colóquio na Esplanada*. Na língua de Camões, o director do Théâtre de la Ville quis dar a conhecer a realidade francesa e a imagem de uma sociedade desunida onde a extrema-direita prospera. “*Em França estamos à espera do próximo atentado*”, assume o encenador. “*Os hospitais estiveram em alerta máximo no 14 de Julho e também no dia a seguir, quando a França ganhou o Mun-*

dial”. Os atentados que ocorreram em Nice e no Bataclan vieram despertar o ódio, semear o medo e transformá-lo no “*grande tema para as novas gerações*”. A conversa foi emotiva, com Demarcy-Mota a destacar a ligação real que existe, no seu caso, entre a vida e o teatro. Albert Camus impôs-se com naturalidade num tempo marcado pela falência das ideologias, pelo avanço da pós-verdade e pela mercantilização das relações, como fez questão de sublinhar a moderadora. “*A peça não era encenada em França desde*

1948. Nesse aspecto, não se pode dizer que tenha seguido qualquer moda. Não se pode comparar esta encenação com nenhuma outra. E, pelo menos, as pessoas ficam a conhecer o texto”, declarou Emmanuel Demarcy-Mota. Recordou ainda outros textos determinantes na sua carreira, de autores como Ionesco, Beckett e Adamov, e outros espectáculos apresentados no Festival de Almada. Sublinhou que “*não podia ter feito Estado de sítio sem estes actores*”, com os quais trabalha, nalguns casos, há mais de 20 anos, mas a quem se

juntam sempre dois actores novos. “*Neste espectáculo, os dois actores novos são os que têm os papéis de Diego e de Victoria: ele é um actor negro, muçulmano, nascido e criado em Bobigny; ela, uma actriz marcada pela lembrança da avó morta em Auschwitz*”. O processo criativo teve ainda a particularidade de levar o elenco a trabalhar com especialistas em neurologia sobre os conceitos de empatia e de neurónio-espelho. No final, Demarcy-Mota deixou a pergunta: “*O que queremos para o século XXI?*”.

Prémio Carlos Porto é entregue amanhã

O Prémio Internacional de Jornalismo Carlos Porto foi instituído em 2008 pela Câmara Municipal de Almada com o objectivo de premiar o melhor texto (ou conjunto de textos) publicados em órgãos de comunicação nacionais ou estrangeiros

sobre o Festival de Almada. Os vencedores relativos à edição de 2017 são anunciados amanhã, às 22h, no Palco Grande da Escola D. António da Costa, em Almada, antes do espectáculo de encerramento. A distinção divide-se em três categorias:

Grande Prémio Carlos Porto; Prémio Carlos Porto – imprensa especializada; e Prémio Carlos Porto – imprensa generalista. O júri, constituído por Miguel Ribeiro (Câmara Municipal de Almada), Francisco Belard (Clube dos Jornalistas), Luís Pacheco Cunha

(Sindicato dos Trabalhadores do Espectáculo, do Audiovisual e dos Músicos), João Torgal (Sindicato dos Jornalistas) e Tiago Torres da Silva (Sociedade Portuguesa de Autores), poderá ainda atribuir menções honrosas. No ano passado, foram distinguidos Gonçalo Frota, do jornal *Público*, António Marques, do jornal *Raio de Luz*, e Osvaldo Obregón, da Revista *ADE*.

AGENDA DE AMANHÃ

TEATRO

19:00 **A sonâmbula**

Teatro Municipal Joaquim Benite

19:00 **A última estação**

Teatro Municipal Joaquim Benite

19:00 **Nada de mim**

Teatro da Politécnica

MÚSICA

20:30 e 24:00 **Sons de São Tomé**

Escola D. António da Costa

TEATRO

22:00 **Federico García**

Escola D. António da Costa

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

- Frango com limão
- Solha grelhada c/ banana e coco
- Paella de legumes

AMANHÃ

- Tortilha à espanhola c/ salada
- Pescada no forno
- Ratatouille da Tamara

Catálogos da exposição CTA: 40 anos em Almada



Conheça a história da Companhia de Teatro de Almada através dos três volumes desta colecção. À venda na livraria do TMJB e na Escola D. António da Costa. Aquisição gratuita para os membros do Clube de Amigos do TMJB.

4€

PREÇO ESPECIAL POR CADA CATÁLOGO
Promoção válida até 18 de Julho

